



XVII JORNADA CIENTÍFICA DOS CAMPOS GERAIS

Ponta Grossa, 23 a 25 de outubro de 2019

LUNÁTICOS: OS GUIADOS PELA LUA

Moisés Figueiredo Gomes¹

Allana Scheifer²

Dr. Donizeti Pessi³

RESUMO

O objetivo é conhecer como nasceram os manicômios e refletir sobre sua atuação na sociedade, após terem sido fechados há anos no Brasil, há quem defenda a reabertura destes lugares inóspitos acondicionadores de lunáticos e apresentar que, se, os ditos iluminados foram assim chamados em relação paralela ao Sol que os alumia e guia, os lunáticos foram alumiaados e guiados pela Lua enquanto que marujos e astrólogos são guiados pelas estrelas.

PALAVRAS-CHAVE: Refletir. Manicômio. Loucura.

INTRODUÇÃO

Discorrendo a História da Loucura, obra de Michel de Foucault, foi observado que até que a medicina dominasse o fenômeno da loucura, na Idade Média, aos insanos o não tratamento era dado como tratamento.

OBJETIVOS

Saber como nasceram os manicômios já que há quem defenda a reabertura destes lugares inóspitos, e, o paralelo ao Sol que alumia e guia os sábios, marujos e astrólogos são guiados pelos astros, os lunáticos foram alumiaados e guiados pela Lua.

METODOLOGIA

A metodologia foi discorrer, a partir de uma perspectiva qualitativa-bibliográfica, acerca História da Loucura, obra de Foucault, 1972, onde foi observado que até que a medicina dominasse o fenômeno da loucura o tratamento dispensado aos insanos da Idade Média era o não tratamento.

¹ Bacharelado em Psicologia, Acadêmico do 2º Período da Faculdade Sant' Ana, moisesfgomes@outlook.com

² Bacharelado em Psicologia, Acadêmica do 6º Período da Faculdade Sant' Ana, allanascheifer@gmail.com

³ Docente da Faculdade Sant' Ana, prof.donizeti@iessa.edu.br

RESULTADOS PARCIAIS E DISCUSSÃO

Toda Europa fora assolada pela lepra tendo quase toda sua população dizimada por este mal aceito, por muitos, como castigo de Deus, mas esta peste que, como as demais tem princípio meio e, senão seu fim ao menos o seu controle, também terá seu controle e com o fim das cruzadas este mal teve uma drástica diminuição e o mesmo Deus que é acusado de ter mandado este flagelo é agradecido por cidades que fazem procissão em agradecimento a esse Deus por ter livrado a população desse mal.

Em toda a Europa eram milhares de leprosários prontos para atender os lazarentos que não eram considerados fora da graça de Deus com o Direito Canônico permitindo que usufruam dos sacramentos, mas não podiam acessar nem frequentar a igreja, não obstante com a diminuição dos leprosos são fundadas Ordens Hospitalares para atender os pobres e os reis ordenam que os bens destes lugares maculados e estigmatizados sejam redistribuídos para o melhor atendimento dos pobres.

Os leprosários, locais indesejados vão se esvaziando e, sem utilidade, vai se buscando meios de reaproveitá-los e serão substituídos os leprosos por doentes venéreos e a gafaria de Saint Germain, na França, por exemplo, torna -se “uma casa de correição para os jovens” (Foucault, 1972, p.7) e “em Lipplingen, Inglaterra, o leprosário é logo povoado por incuráveis e loucos (Foucault, 1972, p.9)

Mais tarde continuará o jogo de exclusão/acolhimento afinal, deve-se sempre acolher o pobre, o vagabundo, o alienado enfim estes que serão os novos ocupantes dos espaços malquistos.

Os atingidos pelas doenças venéreas vão preenchendo todo o espaço deixado pelos leprosos e o número desses foi tão grande que se pensou ser a nova Lepra como se pensou ainda se construir novos edifícios para comportar todos não com sentido de exclusão, mas poder tratá-los.

No entanto, emerge um fenômeno, a loucura, que segundo o autor, apenas será dominada por volta do séc. XVII e será ela considerada a verdadeira herança da lepra e que a sucederá nos seus medos.

Nosso autor adere a moda de antigos literários que compõem as várias naus

A moda é a composição dessas Naus cuja equipagem e heróis imaginários, modelos éticos ou tipos sociais, embarcam para uma grande viagem simbólica que lhes traz, senão a fortuna, pelo menos a figura de seus destinos ou suas verdades. (Foucault, 1972, p.13)

Os loucos, não raro, eram excluídos da sociedade sendo postos para fora dos seus muros e na Alemanha era frequente que as autoridades de algumas cidades pegassem seus loucos e os entregassem a barqueiros que nas suas naus carregavam os loucos de uma cidade para outra por isso Foucault usa o termo *Narrenschiff* como o navio dos néscios, ineptos, tolos. Todavia, não é possível afirmar categoricamente que o motivo exclusivo seja expurgar as cidades, tanto é verdade que algumas cidades tratavam seus loucos nos hospitais e outras até construíam casas especiais para estes.

Eram alojados no mesmo lugar alguém que simplesmente estivesse nu pela rua com aqueles que na falta da razão cometesse um crime e nenhum deles era tratado antes era comum que acabasse sendo chicoteado em praça pública ou perseguidos, maltratados pondo-se em corridas até fora da sua cidade e algumas vezes soldados feridos eram postos juntos.

Como parte das autoridades municipais era constituída por clérigos, padres e bispos então se esperava a cura pela fé, cura essa que não vinha e o demônio era responsabilizado. Então, muitos loucos eram transportados de uma cidade para ditos lugares de peregrinação na esperança da sua libertação da insanidade e recuperação do seu juízo.

A navegação é uma partida sem saber se se regressa. Olha-se o horizonte e não há nada à sua frente além do céu, da massa d'água e o vazio que lhe permite seguir para qualquer lado da bússola, mas na sua liberdade percebe sua prisão. Prisão na sua loucura, preso dentro do navio e preso ficará no seu desembarque sem saber onde está. Se para o marujo é entregar-se a própria sorte nas ondas revoltosas na imensidão das águas o que é para o louco que vai nesta barca?

A água pode ser sinal de purificação, mas também é a morada de monstros e demônios, para onde se lançaram os narrados na Bíblia, Mc 5,13 e se lançaram ao mar por estarem possuídos assim como aqueles homens que se lançam ao mar vivendo sem pátria nem mulheres guiados apenas pelos astros. No entanto, para os loucos nada servem a Úrsula Maior ou a Úrsula Menor tampouco Virgem, Sagitário ou qualquer outra constelação nem mesmo os planetas mercúrio, Vênus ou qualquer outro. Para os loucos o único astro a servir é a Lua pois é ela quem os alumia na imensa escuridão que são mergulhados quando cai a noite na imensidão do mar que estão mergulhados.

Para os ingleses “o frio, a umidade, a instabilidade do tempo, todas essas finas gotículas de água que penetram os canais e as fibras do corpo humano e lhe fazem perder a firmeza, predispõem à loucura” (Foucault, 18). E se é a Lua que alumia e que mostra àquele que perdeu a razão o que há na sua frente o Sol é que alumia os inteligentes

[...] as grandes análises meio antropológicas, meio cosmológicas de Heinroth, que fazem da loucura como que a manifestação no homem de um elemento obscuro e aquático, sombria desordem, caos movediço, germe e morte de todas as coisas, que se opõe à estabilidade luminosa e adulta do espírito. (Foucault, 1972, p.18)

Mais tarde a loucura passará fascinar o homem e o louco tomará outro lugar, No teatro sua fala esdrúxula e esquisita levará ao cômico, ele será o centro com acadêmicos discutindo sobre este que fala verdades que aquele que sabe, não fala e nem quer acreditar. A pureza do amor pueril é tratada e retratada com seu devido valor e sempre com sua linguagem estúpida, ignorante e jocosa leva entendidos e médicos querer saber desse fenômeno que não entendem, mas que os idiotas são dotados e os torna felizes autenticamente ao que Foucault cita Cardan:

A Sabedoria, como as outras matérias preciosas, deve ser arrancada das entranhas da terra". Este saber, tão inacessível e temível, o Louco o detém em sua parvoíce inocente. Enquanto o homem racional e sábio só percebe desse saber algumas figuras fragmentárias (...), o Louco o carrega inteiro em uma esfera intacta: essa bola de cristal, que para todos está vazia, a seus olhos está cheia de um saber invisível. (FOUCAULT, 1972, p. 26).

O medo do desconhecido torna aquele que sabe temeroso e aquele que é julgado alienado e desequilibrado nada teme, pois, o fim para perturbados e inteligentes é o mesmo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Transcorrido o caminho proposto concluímos que aglutinar os mentecaptos em manicômios com a justificativa de acolher na verdade é excluir estes que podem muito bem viver na sociedade inclusive ajudando os entendidos a refletir sobre o sentido da vida e neste processo são luzes clareando a obscuridade da vida. E percebemos também que na noite escura a Lua é luz também para quem precisa seguir caminho sendo sábio ou insano como o Sol que ilumina e aquece a todos sem exclusivismos.

A conclusão que se chega é que Foucault, 1972, ao falar das viagens dos marinheiros mercenários conhecedores dos mares, guiados pelos astros e transportam nos seus barcos dementes que alumiados pela Lua vislumbram à sua frente apenas o vasto breu da noite.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Gisele do Rocio; MOLINA, Nilcemara Leal; DIAS, Vanda Fattori. **Orientações e dicas práticas para trabalhos acadêmicos**. 2. ed. Curitiba: Intersaberes, 2014.

FOCAULT, Michel. **A história da loucura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.